



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
MARÇO 2024

Sumário

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Março 2024, 3

Importações, 7

Apêndice A – Março 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela VI – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela VII – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela IX – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela X – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela XII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XVI – Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIX – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XX – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Março 2024

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Regiões
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Fator agregado
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais segmentos por produtos
- Tabela X – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela XI – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII – Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XIV – Importações nordestinas por estado
- Tabela XV – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XVI – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XVII – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XVIII – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Henrique Rocha Reis (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

REVISÃO ORTOGRÁFICA

2Designers

EDITORAÇÃO

Nando Cordeiro

A queda no volume exportado em 27,2%, principalmente de derivados de petróleo, petroquímicos e minerais, além do menor número de dias devido ao feriado de Semana Santa, fizeram as exportações recuarem 22% em março, no comparativo interanual, alcançando US\$ 801,1 milhões. Surpreendentemente, os preços médios acusaram elevação de 6,9% no mês, puxados por metais preciosos, derivados de cacau e frutas.

Os valores menores em março tiveram base alta de comparação (março de 2023 foi o melhor mês em exportações até agosto do ano passado) e podem ter sido influenciados pelo número de dias úteis de março: 23 dias em 2023 contra 20 em 2024. Os melhores preços obtidos em março, entretanto, não compensaram a queda do quantum quando comparados ao mesmo mês de 2023.

No setor agropecuário, mesmo com a queda de preços em 1%, o volume embarcado cresceu 6%, fazendo com que as receitas do setor crescessem 5%. Destaque para os aumentos nas vendas de algodão (397,1%) e frutas (63,1%). Na indústria de transformação, a queda do quantum pesou mais nas exportações. O volume de mercadorias embarcadas recuou 42,4%, embora os preços, ao contrário do agro, registrassem aumento de 13%, o que não evitou a queda nas receitas em 35%. Na indústria extrativa, os preços médios foram 17,8% maiores, enquanto que nos embarques a redução chegou a 37,2%. Com isso, as receitas do setor caíram 26%, todos comparados com o mesmo mês de 2023.

No primeiro trimestre as exportações baianas estão estáveis com US\$ 2,55 bilhões, contra US\$ 2,56 bilhões em igual período do ano anterior (queda de 0,3%). Para os próximos meses, o período sazonal mais positivo da agricultura ainda será alcançado nos meses do meio do ano; assim como a desvalorização recente do real frente ao dólar, que tende a melhorar a rentabilidade das exportações. Por outro lado, é importante também acompanhar o movimento de preço das commodities. De um lado temos soja, milho e café com preços declinantes. Do outro, petróleo subindo acima dos US\$ 90 o barril, mas com queda nos embarques de derivados. A dúvida é qual vetor de forças irá prevalecer.

A perspectiva geral para a economia mundial em 2024 é de pequena redução no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), em relação a 2023, e de queda mais significativa na inflação, rumo ao alcance das

**Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-mar. – 2023/2024**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %
Exportações	2.561.165	2.554.054	-0,28
Importações	2.523.226	2.160.723	-14,37
Saldo	37.939	393.331	936,75
Corrente de comércio	5.084.390	4.714.777	-7,27

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 5 abr. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

metas de inflação em 2025. As políticas monetárias nos principais países devem continuar contracionistas, em busca da consolidação da redução da inflação, porém em cenário de queda das taxas de juros básicas. Os riscos geopolíticos e o fenômeno El Niño continuam presentes, afetando o comércio internacional.

De acordo com relatórios recentes do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), o crescimento da economia global em 2024 deverá ser um pouco menor do que no ano passado, porém, um pouco maior do que era esperado nos relatórios anteriores dessas instituições. Como risco positivo, isto é, fator que poderia fazer o crescimento ser maior do que o esperado, a desinflação mais rápida poderia levar à maior flexibilização das condições financeiras.

Em suma, em 2024, a economia global deverá registrar crescimento lento pelo segundo ano consecutivo, principalmente devido ao efeito das elevadas taxas de juros na maioria das principais economias, além do enfraquecimento do crescimento na China. No entanto, isso ocorre depois de o crescimento global ter superado as expectativas em 2023, resistindo a numerosos ventos contrários, especialmente os geopolíticos.

Quanto aos preços das commodities, os preços de energia caíram depois de subir entre junho e setembro do ano passado, enquanto os de commodities agrícolas e os de metais e minerais permaneceram num quadro de estabilidade. Há de se registrar a elevação recente nos preços do frete de cargas transportadas em contêineres, em rotas partindo da China, depois da normalização pós-covid. Essa alta nos fretes internacionais deve-se a problemas simultâneos no Canal de Suez e no Canal do Panamá.

Os índices de pressão nas cadeias de suprimentos estão perto da neutralidade. Com isso, a recuperação do

comércio mundial tem sido mais lenta, após a recessão de 2020, do que as anteriores. E, como o crescimento do comércio internacional em 2023, embora ainda estimado, ficou bem abaixo do que era esperado, a expectativa para 2024 também diminuiu.

Mudanças na geopolítica e impactos da pandemia e das guerras atuais alteraram os fluxos de negócios e ampliaram a relevância do papel dos blocos comerciais. Projeções do mercado mais recentes apontam para crescimento do comércio global de 2,8% ao ano até 2032, inferior à expansão anual de 3,1% prevista para o PIB do mundo no mesmo período. Isso, se o cenário atual se mantiver até lá. Antes da pandemia, os números eram inversos. Historicamente, o comércio internacional crescia a taxas superiores às da economia. Em 2018, a alta do comércio foi de 3,3%.

É quase consenso que, para se destravar o comércio internacional, é necessária uma leitura atualizada da governança global, tendo em vista os recentes modelos de acordos plurilaterais, não apenas multilaterais, que constituem a nova forma de se chegar a consensos na OMC. Redução de barreiras, resiliência nas cadeias de valor e aumento da eficiência da governança são importantes áreas que o comércio global requer. A tradicional fonte geradora de riqueza está perdendo importância relativa em função de movimentos recentes de revisão das relações comerciais, dos riscos geopolíticos e da instabilidade global.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado tiveram queda pela primeira vez em 2024. Eles caíram, na média, 8,7% ante o mês imediatamente anterior,

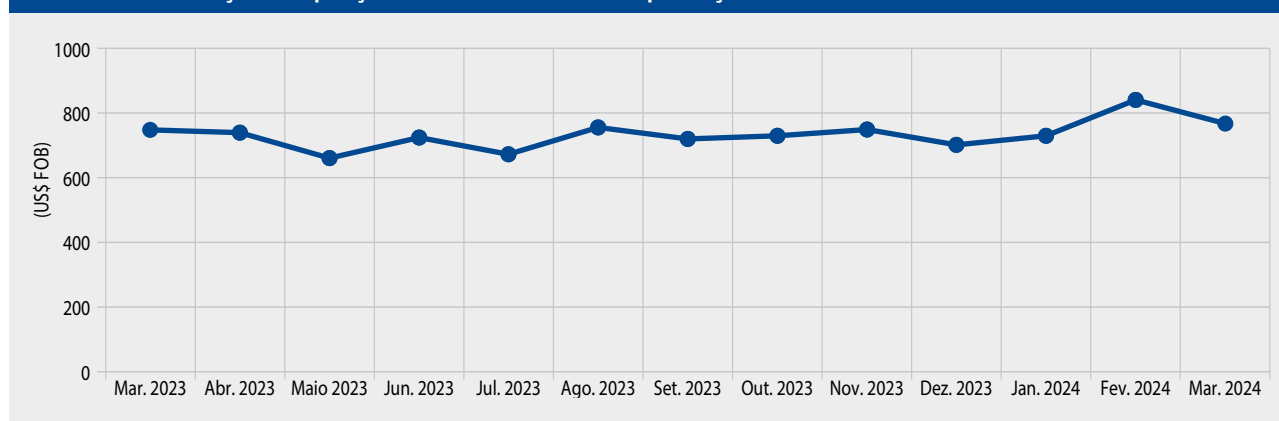
ficando 2,7% acima quando comparados ao mesmo mês do ano passado.

Há pressões no custo do transporte marítimo. Em todo o mundo, os preços estão subindo para os transportadores. Essa alta nos fretes internacionais deve-se a problemas simultâneos no Canal de Suez e no Canal do Panamá. No primeiro, por causa de ataques a navios no Mar Vermelho, no contexto do conflito na região, obrigando muitas rotas a serem desviadas para dobrar o cabo da Boa Esperança. No Panamá, o problema adveio da seca provocada pelo El Niño, uma vez que o sistema de eclusas do canal é alimentado por água doce. Mas o caso do frete parece ser isolado, sem fazer parte de um quadro mais geral que pudesse sugerir a volta dos gargalos de oferta.

Mesmo com uma redução de 15% em seus preços médios no comparativo interanual, a soja e seus derivados permaneceram na liderança da pauta no trimestre com embarques que totalizaram 1,2 milhão de toneladas, o que representou um aumento de 52,4% frente ao primeiro trimestre do ano passado, resultando em uma receita de US\$ 562,9 milhões (aproximadamente 30% maior que em igual período de 2023).

A queda nos preços e na produtividade da soja deve reduzir a rentabilidade do produtor na safra atual de soja. Segundo a Conab, o setor deve apresentar um ciclo de baixa, apesar da área plantada ser 3,1% maior que a da temporada passada, quase dois milhões de ha. A produção deve recuar em 4,6%, para 7,36 milhões de toneladas na atual temporada, em comparação com o ciclo anterior.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – 2023-2024



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em abr. 2024
Elaboração: SEI.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-mar. – 2023/2024

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2023	2024			
Soja e derivados	433.375	562.902	29,89	22,04	-14,76
Petróleo e derivados	755.493	507.938	-32,77	19,89	11,33
Papel e celulose	313.821	339.751	8,26	13,30	3,42
Químicos e petroquímicos	274.244	243.357	-11,26	9,53	-5,36
Algodão e seus subprodutos	55.913	218.826	291,37	8,57	1,97
Metais preciosos	154.087	155.291	0,78	6,08	98,23
Minerais	85.727	144.492	68,55	5,66	8,34
Café e especiarias	51.890	66.632	28,41	2,61	-7,61
Metalúrgicos	128.488	56.284	-56,20	2,20	-42,69
Cacau e derivados	47.766	54.481	14,06	2,13	43,83
Borracha e suas obras	51.718	51.024	-1,34	2,00	10,24
Frutas e suas preparações	27.741	44.832	61,61	1,76	28,48
Calçados e suas partes	20.961	19.739	-5,83	0,77	18,26
Sisal e derivados	23.118	18.718	-19,03	0,73	1,09
Couros e peles	9.327	13.477	44,49	0,53	-8,06
Máquinas, aparelhos e materiais mecânicos e elétricos	4.153	10.961	163,96	0,43	40,05
Fumo e derivados	9.184	8.737	-4,87	0,34	17,12
Carne e miudezas de aves	7.754	7.151	-7,78	0,28	5,30
Milho e derivados	89.206	5.552	-93,78	0,22	-22,83
Demais segmentos	17.198	23.910	39,02	0,94	-32,08
Total	2.561.165	2.554.054	-0,28	100,00	14,22

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 5 abr. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Os grandes destaques continuam sendo o algodão e as frutas. Para o algodão, a produção está estimada em 1,53 milhão de toneladas, plantado em 339 mil ha, o que representa um crescimento de 0,1% em relação ao ciclo 2022/2023. Já as frutas continuam com alta nos preços (que subiram 28,5% no comparativo interanual) e com crescimento de 61,6% nas receitas.

O desempenho mais fraco de países concorrentes, com suas produções afetadas pelo El Niño, ajudou no resultado. Mangas, limões, uvas e mamões responderam por 84% de todo o volume exportado pelo estado no primeiro trimestre. O fenômeno climático deve perder força nos próximos meses, mas seguirá impactando a concorrência, dizem analistas. Assim, a expectativa é de mais um ano favorável para as exportações baianas.

Outro setor de destaque no trimestre foram os derivados de cacau, que mais uma vez tiveram destaque entre as commodities agrícolas negociadas no mercado internacional. Com o agravamento da crise de oferta, as cotações da amêndoa renovaram suas máximas históricas na bolsa de Nova Iorque.

O preço do cacau em contratos de segunda posição de entrega subiu 32,5% em relação a fevereiro, para US\$

7.472,40 a tonelada, em média. Com o desempenho, a cotação já soma 18 meses seguidos de alta. O mês de setembro de 2022 foi o último em que os preços médios caíram.

As exportações baianas de derivados subiram no trimestre 14,1%, enquanto que os preços médios subiram 43,8% no comparativo interanual. Ainda assim, o volume embarcado acusou queda de 20,7%.

Na indústria de transformação, destaque para o aumento dos preços médios dos derivados de petróleo no comparativo interanual em 11,3%, que ainda não foi refletido no volume embarcado, que recuou 39,6% no trimestre. A celulose teve ganho de 8,3% nas receitas e de 3,4% nos preços. O volume embarcado também subiu 4,7%.

Os preços da celulose de fibra curta vêm surpreendendo mês a mês, a ponto de mais um reajuste ser esperado para maio, na contramão do que analistas e os próprios produtores projetavam para essa época de 2024. Mas, se o curto prazo está melhor do que o previsto, mesmo sendo inevitável alguma volatilidade, os próximos meses vão se apresentando como potencialmente ainda mais promissores em termos de preços para a matéria-prima.

No setor químico/petroquímico houve queda de preços (-5,4%), de receitas (-11,3%) e no volume embarcado (-6,2%). O setor, além de ter seu desempenho prejudicado pelos altos custos de produção, passa por um avanço constante do produto importado no consumo aparente, um alerta que vem sendo feito já há alguns anos pela entidade representativa do setor, resultado da concorrência desafiadora de produtos asiáticos, com destaque para os chineses.

Apesar das inúmeras dificuldades que o setor químico atravessa, principalmente no comércio internacional, no primeiro bimestre de 2024, a indústria de produtos químicos baiana volta a apresentar resultado positivo com taxa de 1,5%, comparado ao mesmo período do ano anterior, impactada, principalmente, pelo aumento na produção de insumos industriais – ácido acrílico e metacrílico e outros produtos químicos, como também pela maior produção de fertilizantes minerais ou químicos das fórmulas de NPK.

Já o refino (derivados de petróleo), apesar da alta nos preços, segue com volumes e receita menores que o apurado em igual período de 2023. As vendas recuaram 32,8%, o volume embarcado caiu 39,6%, enquanto os preços médios aumentaram 11,3% no comparativo interanual. As cotações do petróleo seguem em alta devido às tensões geopolíticas, tendo alcançado US\$ 90 o barril no início de abril.

Em relação aos destinos, a China vem mantendo sua liderança na pauta exportadora baiana, atingindo uma participação de 28% das vendas baianas ao exterior no trimestre, ante 16,4% no mesmo período do ano passado. Em crise econômica, houve o declínio das vendas externas rumo à Argentina, no primeiro trimestre, reduzidas a apenas 4,1% de participação, ante 25,1% no comparativo interanual. Também houve queda nas vendas para os EUA em 19,7%, e para União Europeia em 8%.

As importações, que já haviam registrado recuperação no mês de fevereiro, quando aumentaram 5,7% nos desembarques físicos, voltou a ter desempenho positivo em março (24%), o que se refletiu nos desembolsos que cresceram 0,9% – US\$ 826,5 milhões, a despeito da redução dos preços médios em 18,5%.

Petróleo cru, gás (GNL), trigo e termoplásticos foram os principais responsáveis pelo aumento das compras externas no mês, enquanto o recuo foi registrado na aquisição de fertilizantes, compostos químicos, nafta e cacau.

Os combustíveis se destacaram com alta de 75,6% no valor das importações em março. Bens intermediários foram em sentido contrário, com queda de 21,3% no valor desembarcado. As duas categorias responderam juntas por 92,6% do total das compras externas do estado no mês.

O desempenho das importações no trimestre está intimamente ligado ao baixo dinamismo da indústria de transformação, que, nos últimos 12 meses, andou de lado, crescendo apenas 0,6% em relação a igual período anterior. Os bens intermediários (insumos e matéria-prima para a indústria) foi a categoria que registrou a maior queda no trimestre (-23%), seguida por bens de capital (-3,2%). A perspectiva é de continuidade da

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-mar. – 2023/2024

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	1.636.406	1.259.257	-23,05	58,28
Combustíveis e lubrificantes	717.209	735.381	2,53	34,03
Bens de capital (BK)	129.589	125.448	-3,20	5,81
Bens de consumo (BC)	39.944	40.192	0,62	1,86
Bens não especificados anteriormente	77	444	473,86	0,02
Total	2.523.226	2.160.723	-14,37	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 5 abr. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

redução das cotações de bens intermediários, o que reflete por sua vez nos preços de bens de capital e de consumo, seguindo tendência de acomodação das pressões inflacionárias globais sobre bens industriais.

No trimestre, as exportações baianas atingiram US\$ 2,55 bilhões, com queda de 0,3% no comparativo interanual. As importações acumularam despesas de US\$ 2,16 bilhões, com queda de 14,4%. Com isso, o saldo da balança comercial do estado atingiu US\$ 393,3 milhões, alta de 936,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Já a corrente de comércio (soma de exportações e importações) teve redução de 7,3%, alcançando US\$ 4,71 bilhões.

